

A eterna vanguarda de Paulo Freire

FRF-ORF-07-05A

Dez entre dez teóricos da educação (e outras áreas também) citam Paulo Freire. Uns contra, outros a favor, mas todos citam. O que tornou tão especial esta figura carismática, hoje aos 74 anos além de seu passado de lutas contra o regime totalitário iniciado com o golpe de estado de 1964, que resultou em seu exílio por quase 15 anos - foi a sintetização da "prática libertária", uma nova

maneira de se fazer educação, dirigida para a conscientização política do estudante, e também do educador. A idéia era buscar alternativas para se escapar da opressão do sistema dominante que, ainda hoje, transforma educandos e educados em meros repetidores de fórmulas pré-estabelecidas.

Freire propôs que, numa simples aula de alfabetização, por exemplo, ao se

ensinar as palavras, junto com elas deveria ser transferido seu sentido prático e cunho ideológico, baseado na realidade cotidiana do estudante. Foi uma revolução, todos gostaram. Na turbulência do regime militar algumas correntes progressistas tentaram aplicar mas, no geral, não vingou. Isto não desanimou o pedagogo que, hoje, vê germinar a semente que plantou há mais de 30

anos.

Considerado "o pedagogo dos oprimidos" e convidado a se retirar do país justamente por isso, nesta entrevista, Freire não fala sobre o passado. Discursa sobre os temas atuais e continua a acreditar firmemente que o sistema educacional imaginado por ele é a forma mais digna de se educar um ser humano para a mudança social. Confira:

por Hermengarda Junqueira Solange Elias

os: João Araújo

Em Tempo - A imprensa, em seu papel de formadora de opinião, é educativa?

Paulo Freire - Quando se pergunta se a imprensa, de um modo geral, desenvolve uma tarefa pedagógica, minha resposta é: desenvolve. Eu não diria a imprensa geral do país, até porque não a conheço. Eu não poderia dizer que a imprensa que conheço mais de perto, de São Paulo, do Recife, do Rio de Janeiro, do Rio, faz pedagogia no sentido que eu gostaria que fosse feito. Mas que faz. Se tem que nem tudo que a gente faz é profundo e amplamente bom, nem tudo que a gente faz é profundo e amplamente mau.

Alguns artigos eu considero eminentemente formadores, porque são artigos críticos. A questão de onde se orienta essa linha pedagógica é uma pergunta eminentemente política. A linha pedagógica da imprensa está em função de sua linha política.

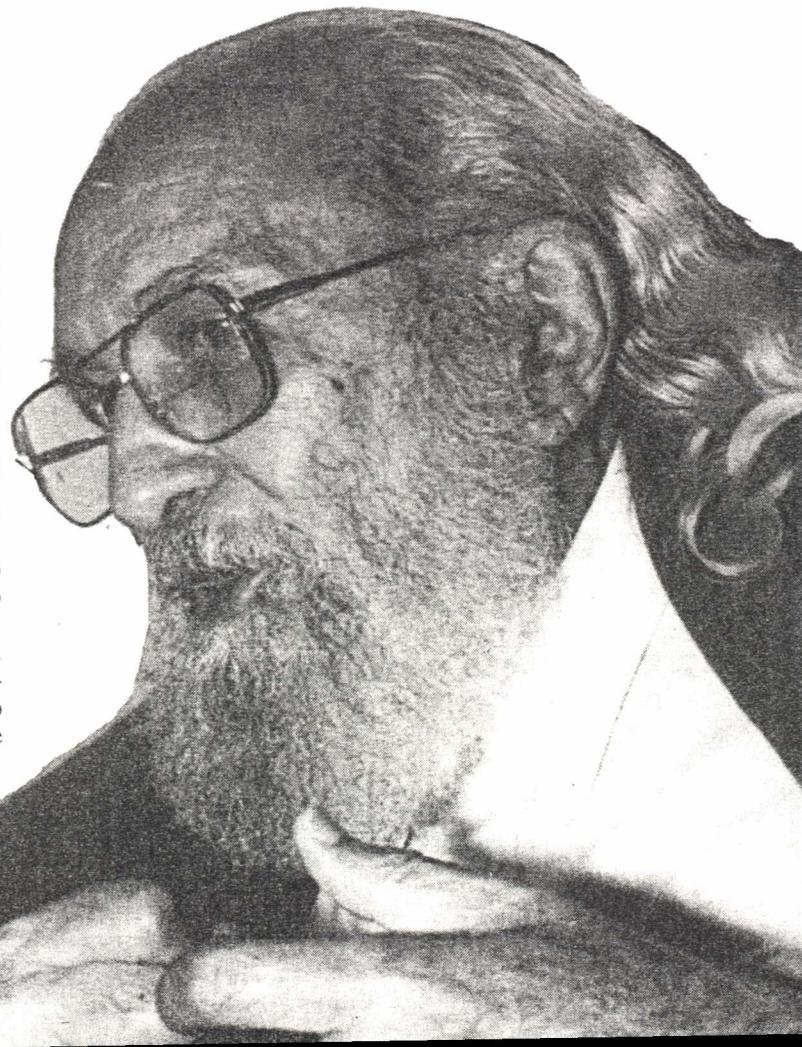
Há outra coisa que eu considero muito importante e que possivelmente esteja avançando um pouco no Brasil. É a questão, ante a qual eu me sinto muito responsável, da imprensa. Pode-se reparar que às vezes o manchete de um jornal diz uma

coisa de não mudar, em vista da minha compreensão política e da minha compreensão da pedagogia.

O presidente não me convidaria para trabalhar, possivelmente não apenas pela divergência que existe entre nós da compreensão do Estado, da política, da pedagogia, da prática educativa. Não somente neste ponto de vista porque possivelmente ele não acredite ou não acreditasse na minha competência específica de educador, mas sobretudo ele não me convidaria - o que é um direito dele evidentemente - pela divergência de pontos de vista políticos. Quer dizer, o tipo de aliança que FHC fez para "refazer" este país, é o tipo de aliança que eu não faria.

Em Tempo - Então, mesmo que ele convidasse, o senhor não aceitaria...

Freire - Obviamente que não. Ele (FHC) não cometeria o equívoco de pedir a mim uma solicitação qualquer, mas se cometesse esse equívoco eu diria não e diria por quê. Uma coisa é você respeitar o indivíduo do ponto de vista intelectual. FHC é um dos melhores intelectuais do Brasil.



para que o impossível de hoje possa ser o possível de amanhã. Eu entendo que a história da sociedade se dá num processo que deveria ser pacientemente paciente. Como homem progressista eu sou pacientemente paciente. Eu nem descaio no exagero exclusivista da impaciência, nem caio no exagero exclusivista da paciência. Os dois, o absolutamente paciente e o absolutamente impaciente, estragam a história.

Em Tempo - Os radicalismos...

Freire - Exatamente. Os impacientes radicais viram sectários. Para usar uma expressão mais do povo, viram "porra-louca". E a impaciência absoluta que vira porra-louquice não constrói a história. E a paciência absoluta que vira acomodação, obviamente não faz história. O que vale dizer - e isso é que é triste - o impaciente exclusivo da esquerda termina trabalhando exatamente com relação aos objetivos do paciente exclusivo. Os dois terminam reacionários.

Em Tempo - Como é que o senhor vê a influência da formação dos políticos da atualidade, com o descaso da educação brasileira?

Freire - No fundo, a história é uma continuidade histórica. Pode-se ver que o Brasil foi inventado de cima para baixo, com absoluto

oferecer escola para menino pobre e menino rico. E escola de qualidade.

Em Tempo - Com o golpe de estado de 64, o senhor foi exilado do país, e seus livros pregavam sempre a mudança através da educação/conscientização do povo, mas dentro do contexto da ditadura militar. Hoje em dia ainda se aplica isso? Ainda é válido?

Freire - Para mim, dentro de pouco tempo ainda, vai começar a virar tudo de novo. Obviamente hoje se diz muito que "já era". Por exemplo, a expressão "Paulo Freire já era" é um discurso que há também no Brasil.

Nos anos 60 a educação aparecia como uma espécie de bandeira que as classes populares levantaram com uma estudantada que foi exatamente a geração de que eu fazia parte, pelo menos como ligação, eu já era adulto. Havia uma espécie de otimismo ingênuo com a prática educativa. Nos anos 70 isso caiu, em função das teorias de Althusser, na França e Bordieur e outros que denunciaram o papel reprodutivo da escola que tinha um aparato de reprodução da ideologia dominante. Os anos 70 foram década de desânimo com relação à educação, porque só o que valia era a transformação radical das tais infraestruturas. Os anos 80 e 90

coisa e outra e o conteúdo máximo da matéria. Eu mesmo tenho sido alvo deste jogo que não é leal, nem é ético. Me surpreendo um Paulo Freire no apelo (manchete) e um outro diferente no contexto da matéria. É uma coisa pedagogicamente má. A imprensa que não respeita a coerência do entrevistado, dá um péssimo exemplo aos jovens.

Em Tempo - O senhor acredita que a imprensa teve seus objetivos alterados tal qual a nossa sociedade sofreu na medida em que nossos colonizadores vieram para cá e ao invés de nos ajudar a ser um povo que pudesse autogerenciar sua vida, negócios e educação, praticaram a exploração? O senhor acredita que isto é um reflexo também deste tipo de colonização?

Freire - É. Tanto que a crítica que eu estou fazendo nesta conversa, mais fraternal do que outra coisa, estou fazendo com um discurso ameno, não zangado. Repito que muitos dos pecados que se encontra na educação brasileira se encontra na justiça, economia e jornalismo brasileiros. A minha esperança é que aos poucos amadureçamos. No dia em que a sociedade civil amadurecer mais ainda, a imprensa vai deixar de colocar uma frase fora do contexto da entrevista e dar a ela outra significação. A minha posição é que a imprensa se liberte cada vez mais. Acho que é fundamental, como a experiência do "Estadão" que durante a censura do regime militar - eu estava no exílio mas recebia os jornais - publicava uma notícia e daí a pouco saía com uma receita de bolo. Aquilo representava exatamente a censura. Eu acho que aquele comportamento foi assumidamente pedagógico. E político. Para mim a questão é a seguinte: lutar pela imprensa que se libere, lutar pela imprensa que torne cada vez mais compreensível estas diferenças. Uma imprensa intensa, clara e corajosa na crítica que faz.

Em Tempo - O presidente



país, não apenas do Brasil, mas da época histórica. Ele é um homem sério, respeitável, mas eu não acredito que o neoliberalismo resolva os problemas deste país.

Basta que a gente dê uma olhadela rápida, por exemplo, no campo da educação. Ninguém pode falar em educação, e isso é universal, sem fazer referência ao que a gente chama de déficit da quantidade e o déficit da qualidade. Qualquer reforma que se faça e pela qual se lute no sentido pedagógico, o ponto de partida é este. Implica em uma série de indagações, como por exemplo: será que está havendo uma quantidade muito grande ou não de crianças em idade escolar a quem o Estado não está atendendo? Se há ou não, cabe outra pergunta: será que a educação que se está dando a quem chegou lá, tem a ver com certos problemas fundamentais da nossa época? Quando eu digo da nossa época, digo da época brasileira e a brasileira dentro do mundo.

Uma das perguntas fundamentais do ponto de vista da qualidade, seria essa: a educação que a gente está fazendo é a favor de quê? Estamos indagando exatamente

um certo sonho, de uma certa utopia, que tem quem programou a educação e a política. É político esse sonho.

Precisamente por causa dessa questão chamada diretividade, que guarda o sonho, a utopia, nenhuma prática educativa pôde ser, até hoje, neutra. O fato porém de não ser neutra, não significa que a prática educativa deva ser partidária, a serviço de partido A, B ou C. Isso é outra coisa.

Em Tempo - Dentro da realidade do Amazonas, como o senhor vê a questão educacional para esta região?

Freire - Eu acho que nós educadores, e não só educadores, nós existentes - existimos aqui e agora - temos sonhos locais, regionais, nacionais e internacionais. As vezes os limites não ficam claros, eles são advindamente condicionados. São sonhos de hoje e não de amanhã. Há outros que ainda não são de hoje são muito mais para um certo amanhã se trabalharmos no sentido de criar este amanhã. Como educador, temos que

jogar um pouco dialeticamente com o tempo e a qualidade do sonho.

Nesse sentido é que vem a resposta. Há sonhos amazonsenses, de educadores amazonenses, mas

se massa popular, que se constituiria nas camadas populares, que foram discriminadas e continuam discriminadas neste país. Nós somos hoje ainda uma sociedade cheia de expressões coloniais. A burocracia brasileira, por mais que se fale em modernidade é profundamente colonial. Grande parte das coisas que nós fazemos...

Em Tempo - Como a nossa política externa...

Freire - Exatamente. São coisas que hibernam. Então veja o descaço pela educação brasileira, que é histórico, não é só de hoje. Se expressa, por exemplo, no salário do professor, que é uma vergonha.

Sabe qual é a minha esperança? É que um dia este país vai chegar a um momento em que nenhum governador de estado, diante de uma greve por melhores salários, vai poder dizer que "considera o pedido justo mas não tem dinheiro para pagar". Este discurso não é válido. Não é decente. Ele é falso. Vamos tentar provar: faça-se, por exemplo, uma reorientação na política dos gastos públicos e eu tenho certeza que vai aparecer dinheiro. É preciso que um dia o governador daqui a 50 anos ou menos, chegue aqui e tenha este dinheiro, na medida em que as reformas partiram, inclusive do governador atual. Que ele cumpra o seu dever nesta dimensão. Isso vai amadurecer um dia.

Em Tempo - Esta mentalidade existe regionalmente no país? Esta é a prática libertária que o senhor pregou...

Freire - Evidentemente que o problema da história tem muita importância. Somos seres históricos e estamos necessariamente inseridos na história como processo, como possibilidade, isto tem que ser visto com amadurecimento político da sociedade. Por exemplo, indiscutivelmente, a eleição de Fernando Henrique representa um passo na história deste país. Eu acho, por exemplo, que como um homem de esquerda - continuo dizendo-me um homem de esquerda porque não acredito no discurso que diz que acabaram-se esquerda e direita.

Em Tempo - Mas hoje em dia estão meio confusos os limites e definições de cada lado, não estão?

Freire - Sim, a gente precisa aclarar melhor essas coisas, mas simplesmente acabar é um negócio maluco. É como se a história mudasse de uma segunda para uma terça, sem continuidade.

Há uma característica na história dos homens que se chama continuidade histórica, que esse discurso nega, está querendo acabar. A história não vai obedecer

um retorno, que é uma compreensão mais dialética do que é educação. Eu quero até pedir desculpas pela falta de modéstia, mas eu sempre disse isso.

A tarefa dos progressistas, dentro da escola, é trabalhar contra o sistema reacionário. Isso é o que fiz sempre. Hoje já há um certo prestígio da educação sistemática. Estamos voltando a uma curiosidade em torno da educação.

Em Tempo - O senhor quer dizer que, plantada a semente naquela época, somente agora ela tem condições para germinar?

Freire - Isso! História é isso mesmo! Às vezes você diz uma palavra chave e dez anos depois ela ressurgir. Isso faz parte do processo histórico. As idéias válidas se multiplicam e se preservam.

Em Tempo - Se o senhor fosse ministro da Educação, o senhor pensaria em usar a educação a longa distância, com os recursos tecnológicos da televisão?

Freire - Uma das afirmações que eu venho fazendo é que os educadores precisam estar à altura de seu tempo. Não é possível a educadores fechar os olhos aos avanços tecnológicos. Eu descarto em mim qualquer restrição negativista, mas como não sou ingênuo, eu me aproximaria da tecnologia sempre admitindo que pode haver algo contra nós e muita coisa a nosso favor. O que quero dizer é que todo avanço tecnológico pode acarretar retrocessos do ponto de vista humano. Não porque a tecnologia seja má, mas acontece que a tecnologia não pode ser entendida do ponto de vista estritamente técnico nem científico, ela tem que ser entendida do ponto de vista filosófico precisamente porque a decisão de usá-la ou não, é política.

Se eu fosse ministro, embora não goste de pensar historicamente em "se", estudaria a legitimidade de gastos muito altos em função do orçamento que eu tivesse, seria

"As idéias válidas se multiplicam e se preservam"

"Há sonhos que não são de hoje, são mais para um outro amanhã"

polêmica nacional, quando se colocou esta tese no país, de uma prática que é exclusiva de países que viveram a democracia eternamente?

...e está a fazer o que está na sua
sa, mais fraternal do que outra
coisa, estou fazendo com um dis-
curso ameno, não zangado. Repito
que muitos dos pecados que se
encontra na educação brasileira se
encontra na justiça, economia e jornal-
ismo brasileiros. A minha esperan-
ça é que aos poucos amadureçamos.
No dia em que a sociedade civil
amadurecer mais ainda, a imprensa
vai deixar de colocar uma frase
fora do contexto da entrevista e
dar a ela outra significação. A
minha posição é que a imprensa
se liberte cada vez mais. Acho
que é fundamental, como a experi-
ência do "Estadão" que durante a
censura do regime militar - eu
estava no exílio mas recebia os
jornais - publicava uma notícia e
daí a pouco saía com uma receita
de bolo. Aquilo representava exa-
tamente a censura. Eu acho que
aquele comportamento foi assumi-
damente pedagógico. E político.
Para mim a questão é a seguinte:
lutar pela imprensa que se libere,
lutar pela imprensa que torne cada
vez mais compreensível estas dife-
renças. Uma imprensa intensa,
clara e corajosa na crítica que faz.

Em Tempo - O presidente FHC chegou a convidá-lo para fazer parte de algum programa ou projeto educacional no atual governo? Como o senhor vê o quadro atual do sistema educacional?

Freire: Não me convidou. Conheço o presidente Fernando Henrique há muito tempo, ficamos amigos no exílio, mas ao longo do tempo - e isso é um direito que lhe cabe - ele mudou. Ele exerceu o direito de mudar e eu exerci o dire-

Basta que a gente dê uma olhada na prática educacional no campo da educação. Ninguém pode falar em educação, e isso é universal, sem fazer referência ao que a gente chama de déficit da quantidade e o déficit da qualidade. Qualquer reforma que se faça e pela qual se lute no sentido pedagógico, o ponto de partida é este. Implica em uma série de indagações, como por exemplo: será que está havendo uma quantidade muito grande ou não de crianças em idade escolar a quem o Estado não está atendendo? Se há ou não, cabe outra pergunta: será que a educação que se está dando a quem chegou lá, tem a ver com certos problemas fundamentais da nossa época? Quando eu digo da nossa época, digo da época brasileira e a brasileira dentro do mundo.

Uma das perguntas fundamentais do ponto de vista da qualidade, seria essa: a educação que a gente está fazendo é a favor de quê? Estamos indagando exatamente o perfil de sociedade pela qual estamos lutando. A educação não é neutra porque há uma dimensão da sua natureza, da prática educativa, que no vocabulário pedagógico se chama, diretividade da educação. Em qualquer lugar onde ela se dê, um dos momentos da prática educativa, é a diretividade dela. O que é isso? Significa que nunca houve nem há prática educativa que não ultrapasse a si mesma com relação ou a serviço de

questão chamada diretividade, que guarda relação com a prática educativa pode ser, até hoje, neutra. O fato porém de não ser neutra, não significa que a prática educativa deva ser partidária, a serviço de partido A, B ou C. Isso é outra coisa.

Em Tempo - Dentro da realidade do Amazonas, como o senhor vê a questão educacional para esta região?

Freire - Eu acho que nós educadores, e não só educadores, nós existentes - existimos aqui e agora - temos sonhos locais, regionais, nacionais e internacionais. As vezes os limites não ficam claros, eles são adverbialmente condicionados. São sonhos de hoje e não de amanhã. Há outros que ainda não são de hoje são muito mais para um certo amanhã se trabalharmos no sentido de criar este amanhã. Como educador, temos que

jogar um pouco dialeticamente com o tempo e a qualidade do sonho.

Nesse sentido é que vem a resposta. Há sonhos amazonenses, de educadores amazonenses, mas eu acho que como o aqui do amazonense é um aqui brasileiro, os sonhos locais do Amazonas também são meus. Não importa que eu tenha nascido no Recife, seja um nordestino. Os sonhos locais amazonenses de defesa desta terra, dos rios, da floresta, tem que ser também o sonho de um gaúcho, reconhecendo o gaúcho que não é a partir da floresta amazônica que ele vai brigar, ele vai brigar a partir dos pampas.

"As idéias válidas se multiplicam e se preservam"

problema da história tem muita importância. Somos seres históricos e estamos necessariamente inseridos na história como processo, como possibilidade, isto tem que ser visto com amadurecimento político da sociedade. Por exemplo, indiscutivelmente, a eleição de Fernando Henrique representa um passo na história deste país. Eu acho, por exemplo, que como um homem de esquerda - continuo dizendo-me um homem de esquerda porque não acredito no discurso que diz que acabaram-se esquerda e direita.

Em Tempo - Mas hoje em dia estão meio confusos os limites e definições de cada lado, não estão?

Freire - Sim, a gente precisa aclarar melhor essas coisas, mas simplesmente acabar é um negócio maluco. É como se a história mudasse de uma segunda para uma terça, sem continuidade.

Há uma característica na história dos homens que se chama continuidade histórica, que esse discurso nega, está querendo acabar. A história não vai obedecer este discurso.

Há um certo ponto de maturação, como há a maturação da fruta. Então a minha tese é a seguinte: história se faz com praxis histórico-política e não com maturação forçada. O que equivale a dizer que não se amadurece a história antes do tempo. A gente faz em história o que é possível ser feito, não o que se gostaria que se fizesse. E uma das tarefas dos educadores progressistas é colaborar

greve por melhores salários, vai poder dizer que "considera o pedido justo, mas não tem dinheiro para pagar". Este discurso não é válido. Não é decente. Ele é falso. Vamos tentar provar: faça-se, por exemplo, uma reorientação na política dos gastos públicos e eu tenho certeza que vai aparecer dinheiro. É preciso que um dia o governador daqui a 50 anos ou menos, chegue aqui e tenha este dinheiro, na medida em que as reformas partiram, inclusive do governador atual. Que ele cumpra o seu dever nesta dimensão. Isso vai amadurecer um dia.

Em Tempo - O senhor está falando da existência da sociedade ideal...

Freire - É ideal mas não irrealizável.

Em Tempo - Qual a sua opinião sobre a questão do ensino universitário pago, que recentemente ressurgiu criando nova

polêmica nacional, quando se colocou esta tese no país, de uma prática que é exclusiva de países que viveram a democracia eternamente?

Freire - Eu vou dar uma resposta, como se diz, curta e grossa: eu sou pela escola pública. Mas com isso não estou dizendo que vamos fechar as escolas particulares. Inclusive se aparecesse um governo com "porra-louquice" que resolvesse fechar as escolas privadas, o país também fecharia. Deve-se, isto sim, exigir a qualidade, a lucidez a potência da pedagogia. É isso que defendo. Eu acho que o Estado tem obrigação de

Em Tempo - Se o senhor fosse ministro de Educação, o senhor pensaria em usar a educação a longa distância, com os recursos tecnológicos da televisão?

Freire - Uma das afirmações que eu venho fazendo é que os educadores precisam estar à altura de seu tempo. Não é possível a educadores fechar os olhos aos avanços tecnológicos. Eu descarto em mim qualquer restrição negativista, mas como não sou ingênuo, eu me aproximaria da tecnologia sempre admitindo que pode haver algo contra nós e muita coisa a nosso favor. O que quero dizer é que todo avanço tecnológico pode acarretar retrocessos do ponto de vista humano. Não porque a tecnologia seja má, mas acontece que a tecnologia não pode ser entendida do ponto de vista estritamente técnico nem científico, ela tem que ser entendida do ponto de vista filosófico precisamente porque a decisão de usá-la ou não, é política.

Se eu fosse ministro, embora não goste de pensar historicamente em "se", estudaria a legitimidade de gastos muito altos em função do orçamento que eu tivesse, seria muito precavido em relação a endividar mais o Brasil com empréstimos em bancos, sou muito contra isso. Quanto à educação a longa distância, me interessa saber se esse trabalho ajuda o processo de diminuição de distância entre pobres e ricos - porque cada vez mais os ricos ficam mais ricos e os pobres mais miseráveis - eu quero saber, porque o fundamental para mim, é isso.